

Mário Santiago de Carvalho, *A Síntese Frágil*. Edição digital publicada pelo Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.6345442>.

Sobejamente conhecido de quem lê a *Revista Filosófica de Coimbra* é Mário Santiago de Carvalho, ou não tivesse este sucedido a Miguel Baptista Pereira na direção desta revista, tarefa que o primeiro assumiu ao longo de uma boa dúzia e meia de anos. Coube a Luís António Umbelino, na senda da empreitada cumprida por estes dois professores, a responsabilidade de ocupar o lugar de diretor deste selo editorial filosófico lançado em 1992.

Em nada menos conhecida do que o seu autor, é a obra que aqui recenseamos, já que desde a sua primeira edição em 2002 pelas Edições Colibri tem – a par do *Roteiro Temático-Bibliográfico de Filosofia Medieval* (Lisboa: Edições Colibri 1997), também preparado por Carvalho – servido à generalidade da população estudantil coimbrã, mas também noutros cantos da lusofonia, como porta de embarque para folhear a medievalidade filosófica latina.

Foi por sugestão do artista, filósofo e youtuber brasileiro William Passarini, diretor do projeto Mansarda Acesa e membro colaborador do Instituto de Estudos Filosóficos (IEF), que este instituto publicou, em 2022, *A Síntese Frágil. Uma introdução à filosofia (da patristica aos conimbricenses)* (doravante *A Síntese*) em formato digital, uma parceria com a Equipa Conimbricenses.org e a firma Copiarcos, representada na pessoa de Francisco Parracho.

Pese embora a transição digital represente um salto em frente em termos da difusão desta obra e da Filosofia Medieval em língua portuguesa, do ponto de vista do conteúdo quase tudo ficou inalterado da primeira para a segunda edição d’*A Síntese*.

Aqui, tratou-se sobretudo de facilitar o acesso à obra em prol da comunidade de investigação que cresce em torno do IEF e estudantes de Filosofia Medieval, mas também responder positivamente ao vibrante interesse que tantas pessoas têm em poderem usufruir da riqueza filosófica da nossa língua.

No fundo, esta edição é praticamente apenas uma informatização da primeira, salvo algumas discretas correções efetuadas por indicação do autor (doravante MSC). Assim se entenderá com acuidade que MSC não tenha exigido que a equipa de trabalho subtraísse da obra, depois de vinte anos, o texto da *Epístola* 143 de Agostinho de Hipona que pode ler-se em epígrafe e que transcrevemos aqui:

Confesso que procuro contar-me entre o número dos que escrevem progredindo e que progridem escrevendo. Portanto, se afirmei, por imprudência ou ignorância, uma opinião que merece ser corrigida, não apenas por outros que se possam aperceber dela, mas por mim próprio, na medida em que progrido, isso não há-de causar nem admiração nem pena. Antes é preciso perdoar e alegrar-se, não porque houve erro, mas porque houve correção.

A comunidade de um modo geral poderá agora dispor facilmente do espelho textual de um programa filosófico de história da filosofia assente nas noções de “tempo”, “ser” e “pensar”. Trata-se, aquele que *A Síntese* esculpe, de um programa

vivo que é e tem sido estudado em sala de aula por sucessivas turmas de Filosofia Medieval desde há já mais de vinte anos, mas nem por isso estamos perante um manual universitário que acuse estar datado. Ao invés, este manual de história da filosofia pode e deve ser encarado como uma fonte de iniciação à vida filosófica.

Ainda há-de saber-se, aliás, se é possível retratar fielmente a aventura filosófica em Portugal nas últimas décadas sem passar vagarosamente pel'*A Síntese*. Uma vez que o autor entende a história da filosofia como um fundo pensável, o convite ao leitor, qualquer que seja a sua experiência prévia, é que o estudo d'*A Síntese* se torne uma estadia transformadora no seio de um campo de experiências filosóficas orientadas pelo primeiro Mestre em Filosofia Medieval na história de Portugal, tal como pelos textos e problemas que o mesmo articula a fim de veicular a memória e para benefício da comunidade.

A Síntese é de indiscutível relevância, sobretudo para quem se interessa por questões de filosofia (mais que tudo, antropologia e metafísica), de teologia e de história. Uma vez que é na abertura do horizonte da filosofia medieval latina que nos situamos, não é surpreendente que Deus se revele praticamente omnipresente n'*A Síntese*, ao lado de Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino.

Talvez com exceção das pessoas mais afastadas da filosofia, toda a gente tem algum conhecimento sobre esta obra: é o mais próximo que a historiografia lusófona especializada em Portugal produziu, no nosso século, que se possa chamar de “clássico”. Portanto, certo é que não vale a pena estar a chover no molhado: o documento está disponível em acesso aberto através do site do IEF, do Estudo Geral ou do DOI indicado acima.

Note-se que a finalidade primeira desta brevíssima recensão é tão só ajudar a divulgar o facto d'*A Síntese*, há muito esgotada, poder agora ser consultada e descarregada aberta e comodamente através da World Wide Web. Excelente maneira de celebrar os vinte anos desde a primeira edição d'*A Síntese*; isto é certamente algo que este empreendimento editorial configurou.

Porém, a ausência de elementos a registar parece-nos denotar um defeito – à falta de melhor palavra – que gostaríamos de enfatizar. Estudantes, tal como os demais leitores, terão seguramente estranhado que, passados vinte anos, um estudante de Coimbra, filósofo e teólogo escolástico exímio como João Poinot continue sem ser de todo referido n'*A Síntese*. Podia-se, pelo menos, evocar Poinot, nem que para isso fosse mister reequacionar a cesura histórica que MSC operou (da Patrística ao Curso Jesuíta Conimbricense).

Quiçá fosse oportuno – para além de atualizar a secção autobiodoxográfica – redefinir as balizas da medievalidade, avançando para uma eventual edição revista e aumentada d'*A Síntese* e, por conseguinte, tornando ainda mais interpelativas as aulas de Filosofia Medieval.

Robert Junqueira

Instituto de Estudos Filosóficos

martinsjunqueira@uc.pt

0000-0003-1944-654X

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_65_14

